Samuel Benchimol
Professor da Universidade do Amazonas
Coordenador da Comissão de Documentação e Estaudos da Amazônia (CEDEAM)

Biblioteca
Samuel Benchimol

O CURUMIM NA AMAZÔNIA

Conferência pronunciada na instalação do *Curso Nestlé de Atualização em Pediatria*, realizada no Teatro Amazonas.

Manaus, Amazonas, Brasil
Agosto, 1980

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

O CURUMIM NA AMAZÔNIA

Samuel Benchimol
Professor da Universidade do Amazonas
Coordenador da Comissão de Documentação e Estudos da Amazônia (CEDEAM)

Conferência pronunciada na instalação do Curso Nestlé de Atualização em Pediatria, realizada no Teatro Amazonas.

Biblioteca Samuel Benchimol

Manaus-Am., agosto de 1980

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

O CURUMIM NA AMAZÔNIA

Samuel Benchimol
Professor da Universidade do Amazonas
Coordenador da Comissão de Documentação e Estudos da Amazônia (CEDEAM)

Quando fui convidado para proferir a palestra de abertura deste Curso de Atualização em Pediatria hesitei em aceitar o honroso convite do Dr. Contente. Porque, naquele instante, raciocinando através de uma lógica linear, questionei-me: o que é que eu vou fazer nesse Simpósio de Médicos Especialistas em Pediatria se minha dedicação quotidiana sempre esteve ligada às ciências geosociais da Amazônia? Se como professor meus contactos e experiências educacionais se concentram na área de adolescentes da última faixa e adultos na Universidade do Amazonas?

Numa segunda reflexão, saindo dessa trilha uni-dimensional e uni-paramétrica, lembrei-me que grande parte de minha vida intelectual tem estado ligada ao estudo das ciências interdisciplinares e até transcurriculares, com isso pretendendo adentrar melhor no âmago dos eventos e na alma e coração dos meus estudantes.

Daí surgiu a idéia de palestrar com os ilustres doutores, presentes a este encontro, sobre o curumim na Amazônia. Deste modo, sem perder a minha tradição e vivência regional, sempre voltada para os problemas do mundo amazônico, poderia talvez proporcionar uma pequena contribuição e servir de fermento nas análises, debates e colóquios que se desenvolverão durante toda esta semana. Mesmo porque, pensando bem, pediatras e pedagogos têm, entre si, forte afinidade, que não deriva tão somente da raiz grega etimológica comum aos dois, mas a ultrapassa pela conexão causal e vital no trato dos problemas de saude e educação dos curumins, a tal ponto que, não sei bem se pediatria é um ramo esquecido da pedagogia ou vice-versa ...

A sociedade humana se perpetua através das crianças, a-

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS, SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

firmou a ilustre doutora Magda McHale no recente encontro do Clube de Roma, no Rio de Janeiro, do qual participei. Elas representam a herança do passado e a ponte para o futuro. Por isso, os indicadores quantitativos e qualitativos dos cuidados ante-peri-post natais, da primeira infância e da adolescência refletem os níveis de nossos valores e esperanças, tanto individuais como coletivos, e revelam o grau de nossa consciência do processo do desenvolvimento social e econômico de um país. Uma nação não pode sobreviver cuidando de sua população adulta se não dedicar também, simultaneamente, os seus esforços para resolver os problemas urgentes do mundo da infância. Parodiando o grande poeta Vinicius, recém-falecido, diria: os adultos que me perdoem, mas a criança é fundamental!

Tão fundamental que no ano 2.000 McHale estima que haverá no mundo dois bilhões de crianças, dos quais 1,2 bilhão na Ásia, 350 milhões na África, 180 milhões na Europa e na América do Norte, 270 milhões na América Latina. No Brasil, elas serão cerca de 100 milhões, e na Amazônia Legal mais de 10 milhões.

Em 1976, segundo o Bureau de Referência Populacional de Washington, haviam no mundo cerca de 1,5 bilhão de menores de 15 anos, dos quais:

230	milhões	eram sub-nutridos
590	"	sem acesso à água potável
417	"	sem moradia adequada
693	"	com limitada expectativa de vida
604	"	sem acesso à assistência médica
250	"	sem escolas
173	"	necessitando cuidados de reabilitação
5	"	morrendo a cada ano, vítima de moléstias infecciosas
128	"	vivendo em favelas, mocambos e alagados

Este quadro do terceiro mundo infantil não deve ser diferente da realidade brasileira, com 45 milhões de crianças, e da Amazônia, que deve possuir, hoje, 4 milhões de menores com idade inferior a 15 anos.

Este nosso mundo infantil brasileiro e amazônico revela

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

também todas essas deficiências, carências e dependências próprias do estágio atual da sociedade brasileira. A despeito de todos os esforços que a Nação vem fazendo no sentido de melhorar as condições de vida do povo brasileiro, através da previdência e assistência médica e social, programas de vacinação em massa, saneamento básico, educação e moradia, as crianças continuam sendo as maiores vítimas das injustiças sociais, do desperdício e da ineficiência da ação administrativa, do êxodo rural, da urbanização explosiva, da implosão demográfica, da inflação galopante e da miséria absoluta e relativa. E por que não criar coragem de dizer também da negligência dos pais, que por ignorância, ingenuidade ou irresponsabilidade continuam a gerar seres humanos que não desejam criar, produto mais da negligência, do acaso e do orgasmo, como disse Huxley, do que da vontade, do amor e do carinho?

Os contrastes são pungentes e dolorosos. Esta Amazônia, que representa a vigésima parte da superfície terrestre, quatro décimos da América do Sul, três quintos do Brasil, um quinto das disponibilidades de água doce, um terço das florestas latifoliadas; que apresenta o maior potencial hidrelétrico do Brasil, e que revela a maior província mineral brasileira de bauxita, ferro, manganês, estanho, caulim, cobre e ouro - esta Amazônia gigantesca abriga, apenas, dois e meio milésimos da população mundial, e somente oito por cento da população brasileira.

Mesmo assim, vivendo no meio da abundância e da riqueza que o Criador nos dotou, sofremos todas as carências, deficiências e dependências do nosso sub-desenvolvimento. E sofremos isso, tudo isso, no maior espaço vazio da terra: os caboclos sentem-se despojados de suas posses; os colonos e boias-frias que aqui estão chegando, brigam pela terra-prometida; os índios lutam pelo direito natural de preservação de sua identidade cultural e étnica nos seus respectivos habitats; e nas cidades falta o chão para as moradias.

Reflexões sempre estimulam outras, por isso ainda digo que o rio mais volumoso do mundo não pode dar água suficiente para encher as torneiras secas das nossas casas, nem mais encher de

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

peixe a nossa panela vazia, nem a floresta, que é queimada pelos predadores, pode fornecer a madeira para nos dar abrigo e teto; nem a força hídrica das nossas correntezas pode eliminar a escuridão das nossas tristes noites úmidas; nem os minérios proporcionam recursos para a melhoria de nossa qualidade de vida...

É que não basta ter recursos naturais abundantes se não criamos os meios e instrumentos científicos, tecnológicos, institucionais e humanos capazes de transformá-los em bens e serviços produtivos para satisfazer a demanda e as necessidades básicas de nossa gente. Criar esses meios e instrumentos através da iniciativa privada e da ação pública constituem, pois, o grande desafio para a Amazônia de hoje e do amanhã!

Mas nem sempre foi assim. No início da ocupação luso-hispânica da Amazônia viviam milhões de índios pertencentes aos mais diversos grupos e etnias americanos: aruakes, karibes, panos, tupis, gês, aimarás e quíchuas, que constituiam sociedades e civilizações, cujos valores mais altos estão expressos nas culturas incaica, tapajônia e marajoara. Índios construtores, escultores, ceramistas, tecelões, índios de remo e corda, de caça e pesca, agricultores e extratores, que conviviam dentro dos seus grupos, habituados desde a infância a operar dentro de um sistema em que todos os seus membros cooperavam com direito às fontes de subsistência oferecidas pela natureza, ou criadas pelo trabalho associativo.

A maior parte desta população amazônica que vivia na região cisandina, na calha central, no delta-estuário e nos inúmeros afluentes boreais e austrais da bacia, em contacto com outros grupos e etnias das guianas, do planalto central e da cordilheira andina, foram sendo, paulatinamente, destruídas pelos conquistadores espanhois e portugueses. A partir de Pizarro, no Perú, nos anos 30 do século XVI, logo a seguir à empreitada de Cortez, no México, nos anos 20, a ação predatória castelhana foi continuada pelos portugueses nas etapas da conquista da Amazônia, durante os séculos XVII e XVIII, e agravada com as chamadas guerras-justas, das quais participaram administradores do reino, colonos e missionários, com as suas famosas tropas de resgates.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Essas partições, embora tivessem objetivos aparentemente diferenciados, foram como resultado um processo contínuo de destribalização, aldeamento à revelia nativa e escravidão - o que determinou a perda da identidade indígena, quando não fatalizou a sua extinção pelo genocídio premeditado e sistemático, apesar das inúmeras insurreições indígenas. Entre elas vale destacar a insurreição dos Muras, no Solimões, e a rebelião dos índios do rio Negro, esta sob a chefia do nosso heroi mítico Ajuricaba, que conseguiu sublevar as populações indígenas, afinal vencidas e aniquiladas pela ação bélica das tropas comandadas por João Paes do Amaral e Belchior Mendes, enviados pelo Governador Geral João Maia da Gama, no ano de 1726.

Esse processo traumático de genocídio na história colonial da Amazônia, é preciso reafirmar, foi responsável pelo grande vazio demográfico que caracterizaria a região durante os séculos seguintes, sem contar a grande e irreparável perda do conhecimento empírico dos recursos naturais, da fauna e da flora, acumulados durante séculos e séculos de convivência indígena com os segredos da floresta e do rio.

Esse despojamento cultural e étnico refletiu-se duramente sobre o infante indígena, o nosso curumim, ainda hoje a maior vítima do continuado processo de invasão e/ou transformação social, que não leva em conta a preservação dos valores comunitários e desrespeita não só a identidade cultural das comunidades como a personalidade individual e coletiva dos grupos sociais.

A despeito da diversidade cultural dos povos indígenas, o curumim teve sempre um papel destacado na vida tribal e comunitária, desde o seu primeiro vagido, saído do útero da mãe-cunhã, pelo parto de cócoras, mais natural e anatômico, revivido agora pelos nossos obstetras e curuminatras. Pelo costume do couvade, depois do parto, o pai ficava de resguardo dias inteiros, deitado, sem fazer trabalho pesado, para poder receber as honras e os cumprimentos dos amigos e parentes, cuidando do recém-nascido, seu filho, o que bem indica o alto sentido de paternidade responsável. O aleitamento materno se prolongava durante muitos anos, como uma

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

forma de controle de natalidade, para evitar, não apenas o desgaste prematuro da mãe - a "gravidez de alto risco" - como também para evitar que o crescimento demográfico desordenado viesse criar problemas de subsistência para a comunidade, quando não apelavam para os farmácos indígenas anticoncepcionais, retirados da flora e da fauna.

A educação do curumim se processava alternando-se e combinando-se os rítmos do trabalho e do lazer, em obediência às necessidades do grupo e às variações sazonais do ano. Assim, o adestramento na realização das tarefas produtivas incorporava-o, desde cedo, como aprendiz, na comunidade do trabalho, e para isso era estimulado a que, através do aprendizado, pudesse realizá-los com perfeição, de modo a desenvolver a sua personalidade e virtuosismo. Como cada membro da organização tribal devia fabricar seus objetos de uso pessoal, adornos e armas, estimulava-se o estilo e a criatividade individual do curumim. Darcy Ribeiro informa a respeito que "numa aldeia indígena, cada pessoa é capaz de distinguir, pelo simples exame de uma flexa ou artefato, quem o fabricou, tal como nós podemos reconhecer a caligrafia das pessoas conhecidas".

Deste modo, o curumim e a cunhantã, com a assistência de sua família e da comunidade tribal, desde cedo se incorporavam à vida e ao trabalho de seu grupo, na maloca, no mato e no rio; aprendiam as lendas, estórias, folguedos e folclore; absorviam o ritual mágico e preter-natural de seus heróis-civilizadores, a valentia dos seus guerreiros e tucháuas, o xamanismo dos seus profetas, o segredo da cura dos seus pagés e o valor medicinal das plantas, a arte dos seus produtos ergológicos. Iniciavam-se nas tarefas caseiras e tribais pela divisão social do trabalho na cerâmica, tecelagem e artefatos de uso doméstico e instrumentos de defesa e ataque; aprendiam o trabalho solidário através do ajuri ou mutirão nos trabalhos de roça, de pesca e de colheita em perfeita comunhão com a natureza e o meio-ambiente. E quando chegavam à época da puberdade, submetiam-se às provas de resistência, coragem e maturidade nas festas e rituais da tocandira e da menina-moça.

Esse mundo, com a chegada do conquistador, foi violenta-

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

do pela imposição dos valores e culturas européias exóticas e alienígenas. Tal processo se realizou, ora por meios insidiosos, ora por meios violentos, todos eles constituindo fatores de transfiguração étnica cultural que Darcy Ribeiro classificou em compulsões ou coerções de natureza ecológica, conduzidas pela modificação do seu habitat ou pela dizimação do seu sistema adaptativo; de natureza biológica e biótica, que assegurava aos não-índios o papel de reprodutores, ou pelo contágio de moléstias desconhecidas, para as quais não tinham resistência orgânica; de natureza tecnológica-cultural, pela adoção de instrumentos e técnicas de produção com efeitos nocivos causadores de dependência ou dissociação; de natureza sócio-econômica, pelo engajamento tribal em um sistema de produção mercantil que anulava a sua autonomia cultural; e, por fim, as coerções de caráter ideológicas, pelo traumatismo cultural e desmoralização dos valores tribais, para se apossarem de suas mentes, e pela adesão a padrões alheios e estranhos às suas condições existenciais.

A partir desse processo de transfiguração, perda e mudança de identidade, que levou ao extermínio milhões de indígenas na Amazônia, o que sobrou isolou-se em enclaves florestais, agora rompidos pela febre rodoviária e latifundiária, ou foi sendo desfigurado e falsamente assimilado, ou melhor acomodado e aculturado, de acordo com os padrões que lhe eram impostos pela dominação colonial.

Os descimentos, resgates, aldeiamentos eram, compreensivelmente à época, necessários para o fornecimento da mão-de-obra escrava, vendida nas praças públicas como "Peças do Certão", como resgate para cobrir as despesas do erário real, como "joias" da Corôa, segundo estudo recente do Prof. João Renôr, da Comissão de Documentação e Estudos da Amazônia, cuja pesquisa nos arquivos de Lisboa e de Belém estamos procedendo em parceria, através da microfilmagem de manuscritos, para recompor e devolver à Amazônia a sua legítima e verdadeira memória.

O exame dessa documentação, cujo acervo monta já a cerca de 20.000 peças manuscritas documentais, pertencentes hoje à

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS, SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Universidade do Amazonas, graças a um convênio com a Superintendência da Zona Franca de Manaus, e sob a custódia da CEDEAM, revela fatos e eventos novos que nos ajudam a melhor compreender o nosso passado e explicar as origens e os porquês do nosso sub-desenvolvimento.

Explicará, também, a documentação o papel desempenhado pelo curumim e pela cunhantã nesse processo de degradação cultutal e esvaziamento populacional que se seguiu até os dias correntes. Assim, acreditamos que pelo exame desses manuscritos, o tão decantado processo de miscigenação, que iria dar origem ao atual caboclo ribeirinho, herdeiro desse rescaldo, após o incêndio de suas aldeias e a destruição de suas malocas, consideradas como "casas do diabo", pelo fanatismo então prevalecente, não era mais do que uma insidiosa arma de reprodução biológica para o fornecimento de mão-de-obra escrava à dominação colonial da área, sempre em disputa com os espanhois, atenuada depois pelos Tratados de Madri e Sto. Ildefonso, de 1750 e 1777. As Cartas-Régias que estimulavam o casamento dos colonos com as índias, asseguravam ao branco o papel de macho-reprodutor, e à cunhã a função de "vagina gentium" , cujos filhos passavam a se identificar com o status do pai-colono. Como este vinha só, deixando a sua família no ultra-mar, a compulsão sexual e escravagista passou a dar origem a um original costume que agora podemos revelar como resultado preliminar desse estudo: o instituto do cunhamena, pelo qual o macho-reprodutor insidiosamente contactava os Principais do Mato, iludindo a sua boa fé para pedir-lhes suas filhas e parentas em casamento; depois, praticavam a traficância escravagista. Esta armadilha institucional foi atestada por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador do Estado do Grão-Pará, em carta datada de 21 de abril de 1753, na qual denunciava esse abuso "com o bárbaro intento de as cativarem, valendo-se do fingido e simulado título de cunhamenas (de cunhã = mulher e mena = marido), isto é, pedindo em casamento aos Principais as suas filhas a título de mulheres, chegando a tal depravação, que cada um conservava dez a vinte mulheres com este mesmo título".

Após o nascimento dos curumins, que ficavam em poder dos

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS, SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

pais, as cunhãs eram vendidas a outros cunhamenas para continuar o ciclo reprodutor, assegurar o povoamento, expandir as aldeias e aumentar a mão-de-obra futura para as tarefas da conquista. Os curumins assim gerados, etnicamente transfigurados, eram forçados a frequentar a escola das missões. A catequese impunha a língua e a crença dos conquistadores, e muitos deles fugiam das aulas e se refugiavam nos matos à procura de sua identidade perdida, segundo testemunhos documentais de nossos arquivos.

O processo de lusitanização tornou-se mais flagrante e aberto através das ordens do Conselho Ultramarino, ao tempo do Marquês de Pombal, irmão de Mendonça Furtado, Governador do Estado do Grão-Pará, que obrigou a mudança dos nomes das vilas e povoados por toponímios portugueses, em substituição aos antigos nomes indígenas. A própria sede de nossa antiga Capitania de São José do Rio Negro teve o seu nome mudado de Mariuá para Barcelos, e aqueles que bem conhecem a nossa história têm na memória os nomes originais de muitas vilas e cidades amazônicas, como Trocano, Itarendaua, Saracá, Cambebas, Bararoá, Cumarú, Aricari, Jaú, Caboquena, Caiçara, Pauxis, Parú, Borari, todas elas transfiguradas em topônimos portugueses do continente europeu.

A mãe-cunhã, por sua vez, desempenhou um outro papel, semelhante àquele da negra escrava de Pernambuco e Bahia: a de ama-de-leite. A mãe-preta do Nordeste aqui ficou conhecida como índia-de-leite, e neste particular, os cunhamenas batiam os matos e as aldeias à procura das cunhãs que estivessem em fase de lactação, para cuidarem e amamentarem os filhos dos colonos, deixando os seus próprios curumins ao desamparo. O abuso chegou a tal ponto que o próprio Rei D. João de Portugal, em carta de 10 de junho de 1716, dirigida ao Governador do Grão-Pará, Cristiano Freire, declarou:

> "Eu hey sido informado que com a ocasião de se tirarem indias das aldeias com o título de amas de leite, se segue uma grande perturbação e prejuizo, ficando os filhinhos em casas dos moradores com grande desconsolação dos maridos e nas miseraveis -indias dando-se-lhe por esta causa motivo

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

de as desampararem e irem para outras partes ..."

Findo o período colonial, a Amazônia mergulhou no esquecimento, despojada e despovoada como evidencia o primeiro censo imperial de 1872, que registrou apenas 332.847 habitantes.

Foi durante o ciclo da borracha, com a imigração cearense, que o ímpeto povoador acelerou-se pelo deslocamento de cerca de 500.000 nordestinos, durante a primeira e a segunda batalha da borracha. Os imigrantes ocuparam sobretudo a parte meridional da Amazônia, dos baixos aos altos rios onde a seringa servia de "foco de apelo" e atração para a sua desventura de flagelados da seca. Vieram "fazer a Amazônia" e a "Amazônia os fez", enricando a poucos ou matando a muitos, eis que a metade sucumbiu nos ermos da floresta.

Novamente o curumim nordestino seria a maior vítima desse drama, e eles desempenharam uma importante função na formação do caráter e de coragem do novo amazônida que iria surgir muito tempo depois, assegurando nesse interim a ocupação brasileira no espaço vazio continental.

Passada a euforia desse período, também traumatizante, a família nordestina, já aculturada, passaria a deslocar-se para a calha central do rio Amazonas, ocupando os férteis varzeados, ou em direção às cidades grandes de Belém e Manaus, em busca de empregos e sobrevivência, garantindo, pelo menos, o futuro dos seus curumins. Muito de nós, de nossa geração, temos, ainda bem vivo na memória, o drama de nossos pais, que viveram no interior, sofrendo a desventura e a pobreza, tendo como único consolo, a salvação dos seus filhos, mandando-os para estudar na cidade grande, abrigando-os nos internatos ou nas casas de parentes e amigos. Uma pequena minoria salvou-se desse novo holocausto, pois a grande massa, sem rumos, refugiou-se na penumbra da obscuridade, quando não incorporou-se aos desvios da marginalidade.

O ciclo de urbanização, no pós-guerra, a partir dos anos 50, viria também atingir a Amazônia. Como no resto do Brasil, as nossas cidades implodiram de população interiorana, desorganizan-

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

do a vida das provincianas e pacatas cidades ribeirinhas, que de repente se viram engorgitadas de "arigós" e caboclos, em busca de sobrevivência. Ao lado deles, com a abertura dos eixos rodoviários que integraram fisicamente a Amazônia ao resto do Brasil, iríamos receber contingentes populacionais de todo o país, aumentando o processo de invasão urbanizadora. Com uma taxa de incremento populacional de 8 a 10% ao ano, Manaus e outras cidades, sem uma infraestrutura de moradia, saneamento básico, rede escolar adequada, para acolher esses novos contingentes, sofrem as consequências desta nova ordem institucional.

Outra vez o curumim passa a ser o grande sacrificado. As suas expectativas de vida são tolhidas, o desenvolvimento de sua personalidade nos estágios dos reflexos, das percepções, da inteligência senso-motora, da inteligência intuitiva, das relações sociais, e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos - é afetado pelos efeitos de desintegração familiar e ambiental, do sub-emprego e da desnutrição gerada na periferia das favelas, com todas as suas seqüelas de miséria e marginalização.

Abandonando o beiradão ou o seringal, o nosso curumim agora cai na armadilha da cidade grande, e o nosso infante facilmente se torna cativo do vício e da violência que a polícia reprime e agrava.

Desmemoriado, vivenciando o drama do quotidiano, ele não mais se recorda da criança-curumim que um dia ele foi. Desfigurado ou transfigurado, passa a assumir o seu novo papel perturbador e inquietador de moleque, pivete, trombadinha, punguista, rato-d'água, puxador de erva; os mais afortunados em motoqueiros transviados e filhinhos-de-papai. A cunhantã-poranga, dos nossos antepassados índios, igualmente se torna presa fácil dos bordéis e dos fazedores-de-anjos, ou, quando não, se refugia nos lares de famílias de posses como empregadinhas domésticas, ou como exímias cozinheiras de forno-e-fogão, deliciando o nosso paladar quase-perdido, com os requintes e quitutes da culinária indígena, nas tartarugadas e nas peixadas de tucunaré, tambaqui ao forno, pirarucú na brasa, peixe moqueado, tacacá e pato no tucupi, beijú, tapioqui

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

nha e carimã.

Se for verdade que o homem também morre pela boca, talvez os encantos e sabores dos quitutes e dos vinhos e doces de cupuaçu e buriti, de assaí e bacaba, possam servir de clamor e chamada à nossa consciência regional, para valorizar aquela humanidade que um dia dominou a selva e o rio. E que num gesto de respeito à memória do que se foi, possamos fazer justiça aos nossos curumins e cunhantãs do beiradão e da cidade grande.

Senhores curuminatras:

Que este Curso de Atualização em Pediatria, através dos colóquios, mesas-redondas e palestras, a par da reciclagem, traga novos enfoques e apresentem novas alternativas para a solução dos problemas angustiantes que afetam aqueles que um dia vão nos suceder no comando e nos quadros da nação brasileira. E que todos nós, mergulhando em nosso passado, lembremo-nos, todos, dos curumins que um dia fomos, para que possamos sentir aquele gesto do menino-índio Ajuricaba-mirim, filho do nosso herói-civilizador do rio Negro, vendido em praça pública de Belém, como escravo e "joia da Coroa". Porque, quem sabe talvez um grito de desespero e revolta tivesse saído de sua boca para os ouvidos de Tupã: IXE KURUMI!

Sêde benvindos e muito obrigado.

nha e carimã.

Se for verdade que o homem também morre pela boca, talvez os encantos e sabores dos quitutes e dos vinhos e doces de cupuaçú e buriti, de assaí e bacaba, possam servir de clamor e chamada à nossa consciência regional, para valorizar aquela humanidade que um dia dominou a selva e o rio. E que num gesto de respeito à memória do que se foi, possamos fazer justiça aos nossos curumins e cunhantãs do beiradão e da cidade grande.

Senhores curuminatras:

Que este Curso de Atualização em Pediatria, através dos colóquios, mesas-redondas e palestras, a par da reciclagem, traga novos enfoques e apresentem novas alternativas para a solução dos problemas angustiantes que afetam aqueles que um dia vão nos suceder no comando e nos quadros da nação brasileira. E que todos nós, mergulhando em nosso passado, lembremo-nos, todos, dos curumins que um dia fomos, para que possamos sentir aquele gesto do menino-índio Ajuricaba-mirim, filho do nosso herói-civilizador do rio Negro, vendido em praça pública de Belém, como escravo e "joia da Corôa". Porque, quem sabe, talvez um grito de desespero e revolta tivesse saído de sua boca para os ouvidos de Tupã: IXÊ KURUMI!

Sêde benvindos e muito obrigado.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS, SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA,
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS, SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA,
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA.

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

Biblioteca da Amazônia de Acervos Digitais
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS - SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA